

As plantas medicinais na comunidade Passagem da Conceição, Mato Grosso, Brasil

Gabriela de Ávila Fiebig¹ Maria Corette Pasa¹

¹ Universidade Federal do Mato Grosso, Instituto de Biologia, Av. Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança, Cuiabá – MT

*Author for correspondence: gabriela.afiebig@hotmail.com

Received: 09 August 2017 / Accepted: 22 February 2018 / Published: 31 March 2018

Resumo

Na busca de informações empíricas a respeito da ligação entre plantas e o ser humano figura a importância da sabedoria de povos tradicionais. O objetivo desse trabalho consistiu em resgatar a sabedoria quanto ao uso das plantas medicinais pelos moradores da comunidade ribeirinha Passagem da Conceição, Várzea Grande, MT. Combinou os aspectos qualitativos e quantitativos: o qualitativo utilizou as técnicas da entrevista semiestruturada e não estruturada, registro fotográfico, turnê guiada, história oral e observação direta; o quantitativo demonstrou o Consenso Informante através dos cálculos do Nível de Fidelidade (NF), Fator de Correção (FC) e o Percentual de Concordância quanto ao Uso Principal (Pcup). As estruturas reprodutivas e vegetativas das plantas foram coletadas, identificadas e depositadas no Herbário Central da UFMT. As coletas etnobotânicas foram realizadas de maio de 2015 a maio de 2016. Os informantes citaram 130 espécies vegetais distribuídas em 54 famílias botânicas. A família com maior representatividade foi: Lamiaceae (11%). A parte da planta mais utilizada foi a folha (55%) e a forma de uso o chá (63%). As indicações terapêuticas obtiveram 112 citações de usos diferentes. As mais expressivas foram as patologias que acometem o aparelho digestório (21%). O melão-de-são-caetano (*Momordica charantia* L.) se destacou pelo seu valor relativo de concordância quanto ao uso principal com 59%. A população demonstrou ter conhecimento e fazer uso das plantas locais e revelou um largo consumo na categoria de uso medicinal.

Palavras-chave: Etnobotânica, uso medicinal, comunidade ribeirinha

Abstract

The search for empirical information about the connection between plants and the human being figures the importance of the wisdom of traditional peoples. The objective was to rescue the wisdom about the use of medicinal plants by the residents of the community. It combined the qualitative and quantitative aspects: the qualitative used the techniques of semi-structured and unstructured interview, photographic record, guided tour, oral history and direct observation; The quantitative model demonstrated the Informant Consensus through the calculations of Loyalty Level (NF), Correction Factor (FC) and Percentage of Main Use Agreement (Pcup). The reproductive and vegetative structures of the plants were collected, identified and deposited in the Central Herbarium of the UFMT. Ethnobotanical collections were carried out from May 2015 to May 2016. The informants cited 130 plant species distributed in 54 botanical families. The most representative family was: Lamiaceae (11%). The most used part of the plant was the leaf (55%) and the form of use was tea (63%). The therapeutic indications obtained 112 citations of different uses. The most expressive were the pathologies that affect the digestive apparatus (21%). The melão-de-são-caetano (*Momordica charantia* L.) stood out for its relative value of agreement for the main use with 59%. The population demonstrated to have knowledge and to make use

of the local plants and revealed a wide consumption in the category of medicinal use.

Keywords: Ethnobotany, medicinal use, riverine community

Introdução

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), as plantas consideradas como medicinais precisam conter, em um ou mais de seus órgãos, substâncias que possam ser usadas com propósitos terapêuticos ou que sejam precursoras de síntese de fármacos (WHO 2014).

Interações ativas entre vegetação e culturas humanas são aspectos importantes de culturas tradicionais ao redor do mundo (Tauchen et al. 2016; Zhang et al. 2015). O rico conhecimento etnobotânico é verificado no uso e na comercialização de plantas medicinais nos mercados locais do Brasil (Alves 2016; Lima 2016; Souza 2012). Assim, as inter-relações diretas entre ser humano e plantas figuram o estudo em etnobotânica (Amorozo e Gély 1988).

O uso de ervas medicinais é uma das alternativas da medicina popular tradicional e tem aumentado a popularidade no mundo inteiro, principalmente nos países em desenvolvimento. Do valor econômico da biodiversidade mundial, a Organização Mundial de Saúde estima que cerca de 30% dos fármacos hoje disponíveis no mundo derivam de fontes naturais (WHO 2005).

O Brasil tem ampla tradição no uso de plantas medicinais e tem tecnologia para validar cientificamente este conhecimento e ressalta que, cerca de 80% da população dos países em desenvolvimento utiliza derivados de plantas medicinais para suas necessidades de atenção primária de saúde (OMS 2000).

A história de vida de cada ser humano se entrelaça com a natureza em que está inserida, ou seja, o conhecimento sobre as plantas faz parte da cultura ali presente. O resgate cultural/local se destaca com a investigação, pesquisa e documentação da sabedoria humana que é singular em cada região (Geertz 1989).

A memória terapêutica que uma pessoa ou uma família possui acerca de determinada espécie é de suma importância para a verificação do valor de uso de espécies medicinais (Gois et al. 2016).

A transmissão do conhecimento construído ao longo do tempo acontece em sua praxe e no simbolismo, favorece e mantém a sabedoria sobre aquele local. Reconhecer a importância da transmissão é revelar aos membros comunitários os processos e transformações locais, valorizar e identificar os potenciais de proteção do conhecimento tradicional (Rocha et al. 2015).

A comunidade destaca-se pela expressiva diversidade vegetal local, aliada à cultura tradicional das pessoas da região e dos saberes acumulados ao longo de dois séculos de existência, os quais expressos pela força cultural e histórica no cenário mato-grossense.

Diante de tamanha relevância temática, o presente estudo objetivou sistematizar e analisar de forma integrada o conhecimento que os moradores da comunidade ribeirinha

Passagem da Conceição, Várzea Grande, MT possuem a respeito da flora medicinal, bem como da forma de utilização e indicações terapêuticas das espécies locais.

Material e métodos

A comunidade Passagem da Conceição é um distrito da cidade de Várzea Grande, podendo ser considerado um Patrimônio mato-grossense, com mais de 200 anos de história e tradição contados pela fala de um povo particular e demonstrada na Casa de Memória Edith da Silva Fontes – “Sinharinha”.

Pertencente ao município de Várzea Grande-MT, mesorregião Centro-Sul Mato-Grossense e microrregião de Cuiabá, está localizada na margem direita do rio Cuiabá nos limites de Várzea Grande e Cuiabá e inserida na Depressão Cuiabana pelo Projeto Radambrasil e delimitada pelas coordenadas geográficas 15°33'58,7" sul e 56°08'34,0" oeste (IBGE 2016).

O rio Cuiabá tem em torno de 850 km de extensão e drena uma bacia de aproximadamente 100.000 km² (Brasil 2017). A vegetação dominante na sub-bacia do rio Cuiabá é o campo cerrado formado por estrato subarbustivo de baixa altitude e estrato herbáceo bem desenvolvido e contínuo (Mato Grosso 2016).

Segundo a classificação climática de Köppen-Geiger, a área de estudo possui um sistema de clima pertencente ao Grupo A (Clima Tropical Chuvoso) do tipo Aw caracterizado por duas estações bem definidas: inverno seco, de março a setembro, e verão chuvoso, de outubro a fevereiro (Maitelli et al. 2017).

O período de execução da pesquisa ocorreu entre maio de 2015 e maio de 2016 com os moradores locais, proprietários dos bares e restaurante, e escola da comunidade, com o consentimento dos participantes através do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) que explica o processo e as etapas da pesquisa, devidamente lido e assinado, de forma livre e espontânea pelo participante.

Foram utilizadas cinco técnicas de pesquisa para a coleta dos dados socioeconômicos, culturais, da residência e do conhecimento etnobotânico: pré-teste; entrevistas do tipo semiestruturadas e abertas (Minayo 1994); observação direta e participante (Albuquerque e Lucena 2004); história de vida narrada pelo informante (Meihy 2007); turnês guiadas nos quintais das próprias residências e das proximidades das mesmas; e, registros fotográficos (Belz 2011).

Durante as caminhadas exploratórias nos quintais e roça, e na natureza, como mata ripária e cerrado as plantas citadas foram coletadas ou fotografadas para a identificação botânica. As amostras coletadas foram herborizadas seguindo procedimentos sugeridos por Cunningham (2001) e identificadas através de bibliografia (Lorenzi e Matos 2008) e consulta a especialistas. Foi utilizado o sistema de classificação APG III e os nomes foram conferidos de acordo com a base de dados da Flora do Brasil (Lista de Espécies da Flora do Brasil, 2015) e do Missouri Botanical Garden (Angiosperm Phylogeny Group 2016). Espécimes testemunho foram enviados para o herbário Central da UFMT.

A classificação das indicações terapêuticas emitidas pelos informantes foi realizada de acordo com a Classificação Internacional de doenças (CID 10) da Organização Mundial de Saúde (WHO 2014).

Para a análise quantitativa foram utilizados: Nível de Fidelidade (NF), Fator de Correção (FC) e Percentual de Concordância quanto ao Uso Principal (Pcup). O Nível de Fidelidade é calculado pela razão do número de informantes que indicaram o uso principal para cada espécie (Fid) pelo número total de informantes que citaram a planta para algum uso (Fsp), $NF = (Fid/Fsp) \times 100$. O Fator de Correção se torna

necessário devido a diferença no número de informantes que citaram usos para cada espécie, $FC = Fsp/ICEMC$, sendo ICEMC o número de citações da espécie mais citada. O cálculo final consiste na frequência relativa, ou seja, a multiplicação dos resultados de NF e FC para indicar a expressiva popularidade da planta, segundo Friedman (1986).

Resultados e Discussão

Foram entrevistadas 60 pessoas, com idade entre 18 e 79 anos, 98% procedentes do estado de Mato Grosso e tempo de residência entre dez e 77 anos. Segundo o Decreto Brasil de nº 6.040 de 2007 define comunidades tradicionais como populações que vivem há pelo menos duas gerações em um determinado ecossistema, em íntima relação com o seu entorno natural, e que dependem dos recursos à sua reprodução sociocultural e econômica, por meio de atividades de baixo impacto ambiental.

O uso de plantas medicinais pela população da Passagem da Conceição foi confirmado através das informações emitidas durante as entrevistas, num total de 97% dos informantes. O conhecimento adquirido pelas pessoas da comunidade é de origem familiar, em especial pai, mãe e avós, onde a transmissão dos conhecimentos ocorre de geração em geração, de forma gestual ou oral, dos mais velhos para os mais jovens.

É inegável a importância cultural das plantas na vida dos moradores pela diversidade de espécies encontradas nos quintais e pelo conhecimento de uso de espécies nativas e exóticas para os diversos males da saúde. A expressividade cultural herdada e adquirida de suas origens étnicas foi verificada em maior quantidade pelos informantes mais velhos o que remete à consistência cultural quanto às formas e multiplicidade de usos de cunho medicinal. Tal fato demonstra que a Passagem da Conceição é uma comunidade tradicional. É provável que isso se deva à relação das experiências pessoais de convivência e de necessidades com o ambiente desenvolvido pelo difícil acesso aos municípios de Cuiabá e Várzea Grande no passado, principalmente no que se remete à saúde.

Foram identificadas 130 espécies de uso medicinal distribuídas em 54 famílias botânicas e apresentando 1.393 citações (Tabela 1). As famílias botânicas mais representativas foram: Lamiaceae, Rutaceae e Asteraceae com 11%, 9% e 8%, respectivamente, do total de famílias.

As espécies nativas superaram as exóticas com 54% e 46%, respectivamente. As principais espécies nativas foram: *Momordica charantia* (melão-de-são-caetano), *Costus spicatus* (caninha-do-brejo) e *Cecropia pachystachya* (embaúba); e entre as exóticas foram: *Plectranthus barbatus* (boldo), *Melissa officinalis* (erva-cidreira) e *Matricaria reticulata* (camomila).

O empirismo das plantas usadas como medicinais é absorvido pelas pessoas da comunidade diariamente por conversas entre amigos e familiares, rodas de prosas e, muitas vezes, pela observação direta e participante do cultivo ao feito do medicamento, durante a infância e adolescência em sua própria residência. A medicina popular na comunidade é praticada de forma natural pelas pessoas no seu cotidiano, que utilizam as plantas para as diferentes etnocategorias, como medicinal, alimentar, ornamental e místico-religiosa, para curar e prevenir as enfermidades, com bases em receitas caseiras com plantas locais.

As plantas usadas pelos entrevistados para a etnocategoria medicinal são encontradas, em sua maioria, no quintal das residências (63%), ou ainda, recebem por doação de vizinhos, amigos e familiares. Outras vezes são compradas de raizeiros, que comercializam em feiras ou no centro da cidade de Cuiabá e Várzea Grande e, dessa forma,

introduzindo novas espécies e conhecimentos à unidade de paisagem quintal.

Na comunidade é comum o uso de plantas sozinhas ou combinadas. Quando combinadas com duas ou mais espécies podem ser preparadas na forma de garrafada, onde as plantas ficam em decocção no álcool e, ainda, se fervidas e acrescidas de açúcar ou melado adquire a consistência de xarope. A forma de preparo do xarope e do uso com a entrecasca do jequitibá, folhas de guaco e assa-peixe, usado para doenças respiratórias também foi mencionado na comunidade Bom Jardim (Pasa 2015).

A folha foi a parte da planta mais utilizada com um percentual de 55%, seguido da casca da árvore com 15%. Na categoria outros (16%) foram contabilizadas as quantidades de citações para: flor, casca da fruta, seiva, semente, casca da raiz, castanha, tubérculo da raiz, botão da flor, broto da fruta, caule, broto da folha, bulbo e, ainda, os que não souberam qual seria a parte utilizada.

Quanto às formas de usos mais expressivas dessas plantas destaca-se o chá, com um total de 63% das citações, sendo 43% por infusão e 19% por decocção. As demais formas de preparo totalizaram 37%.

Em se tratando de plantas medicinais é comum o uso de plantas místico-religiosas para a cura de doenças físicas e espirituais (Mota e Albuquerque 2002). Na comunidade local muitas plantas usadas como ornamentais e místicas, além do paisagismo nos quintais, servem para proteção pessoal, que segundo os depoentes, são plantas que servem para livrar de energias negativas, quebrantos, mal-olhado, inveja, dores físicas e doenças espirituais, dentre elas: *Sansevieria trifasciata* (espada-de-são-jorge), *Petiveria alliacea* (guiné), *Ruta graveolens* (arruda), *Dieffenbachia picta* (comigo-ninguém-pode), *Polygonum cf. punctatum* (erva-de-bicho), *Capsicum* sp. (pimenta), entre outras.

A categoria “outros” engloba as formas de preparo: macerada, emplasto, batida no liquidificador com leite, curtido no álcool, garrafada, melado, vinagre, cozido com leite, torrado, curtido no suco de uva, ralado, defumação, curtido na pinga, curtido no biotômico, curtido no licor e, ainda, as não informadas pelos depoentes.

Alguns informantes afirmam que a forma de preparo dos chás deve ser por meio da decocção independente da estrutura utilizada para assim liberar seus princípios ativos. Outros não fazem distinção entre decocção e infusão.

Porém, fica evidente que o preparo do chá por decocção não é a mesma entre os que a citaram, pois, cada informante tem uma forma própria de preparar o seu chá. Varia também com a espécie vegetal utilizada, sua finalidade, forma de aprendizagem e crença na eficácia.

O melão-de-são-caetano e a caninha-do-brejo foram as espécies que receberam os maiores Percentuais de Concordância de Uso (Pcup) com 59% e 52%, o que demonstra que essas espécies são muito utilizadas na comunidade (Pasa 2015). O melão-de-são-caetano é largamente utilizado para combater viroses e, afecções do sistema cardiocirculatório e gastrointestinal. A caninha-do-brejo foi evidenciada para o tratamento do sistema geniturinário.

As indicações terapêuticas referidas pelos informantes obtiveram 112 citações de uso diferentes. Dentre as afecções citadas, as que apresentaram um número expressivo estão: as afecções do sistema digestório e a tosse, com 7% cada; seguido pela bronquite, com 5%; gripe, pressão alta, disenteria, calmante e cicatrizante, com 4% cada (Tabela 1).

Tabela 1 – Plantas medicinais citadas pelos informantes e valor relativo de concordância quanto aos usos principais. Comunidade Passagem da Conceição, Várzea Grande, MT, 2016

Família	Nome Científico	Nome-Popular	Parte utilizada	Forma de preparo	Indicações terapêuticas	Fsp	Fid	NF	FC	Pcup (%)
Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano	FO	SC, CD, CI, MC	DG, OT, SC, SG, VR	75	44	58,7	1,00	59
Costaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw	Caninha-do-brejo	CA, FO, RA	CD, CI, CA	SU	39	39	100,0	0,52	52
Moraceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trêcul.	Embaúba ou embaúva	BA, FO	CI, XP	SC, SR, VR	40	36	90,0	0,53	48
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	FO	CI, MC, SC	DG, OT, SG	48	34	70,8	0,64	45
Caesalpiniaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. Ex Hayne.	Jatobá	CA, FR, SV	BL, CD, CA, XP	DG, OT, SR	48	30	62,5	0,64	40
Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f ex S. Moore	Paratudo	CA, FO	CD, CL, CA, XP	DG, OT, SG, SR	49	26	53,1	0,65	35
Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	FO	CD, CI	OT, SC	25	23	92,0	0,33	31
Asteraceae	<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less	Caferana/boldo	FO	SC, CI, MC	SC, SG	26	20	76,9	0,35	27
Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Quina	CA, FO	CD, CI, CA, TR	DG, OT, SC, SU, SR, VR	38	20	52,6	0,51	27
Asteraceae	<i>Matricaria reticulata</i> L.	Camomila	FL, FO	CI	OT, SC, SG	34	18	52,9	0,45	24
Lauraceae	<i>Ocotea</i> sp.	Canela	CA	CD, XP	DG, SR	24	18	75,0	0,32	24
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-cidreira	FO, RA	CD, CI, XP	DG, OT, SC, SG, SU, SR, VR	41	18	43,9	0,55	24
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Mangaba-brava/mangava-brava	CA	GF, CA	OT, SG	20	18	90,0	0,27	24
Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-santa-maria	FO, RA	CD, CI, EP, GF, MC, SC	AI, CT, DG, OT, SG, SU, VR	47	17	36,2	0,63	23
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	Amescla	CA, FO	CI, XP	DG, SR	22	16	72,7	0,29	21
Xanthorrhoeaceae	<i>Alloe vera</i> (L.) Burm f.	Babosa	FO	IN	CT, OT, SG	25	16	64,0	0,33	21
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-baía	AG, CF, FR	CD, IN	AI, SG, SU	33	16	48,5	0,44	21
Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	Cumbarú	CA, CT, FO	CD, CI, CA	CT, DG, OT, SG	40	16	40,0	0,53	21
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	Mangaba/mangava	CA, SV	IN, CA	OT, SG	18	16	88,9	0,24	21
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Penicilina/terramicina	FO	CI, EP, SC	AI, CT, OT, SU	26	14	53,8	0,35	19

Fiebig e Pasa

Asteraceae	<i>Eremanthus scapiger</i> (DC.) Baker	Bácino	FO	CI	DG	13	13	100,0	0,17	17
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba-branca	BR, CA, CF, FO, SE	CD, CI, IN	SG, VR	15	13	86,7	0,20	17
Cariaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	FL, SE	CI, TR, XP	OT, SC, SR	16	12	75,0	0,21	16
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	FO	CI, MC	AI, OT, SG, SU	22	10	45,5	0,29	13
Caesalpiniaceae	<i>Senna hirsuta</i> (L.) Irwin & Barneby	Fedegoso	FL, RA, SE	CD, CI, MC, CA	OT, SG	13	8	61,5	0,17	11
Lamiaceae	<i>Mentha villosa</i> Becker	Hortelã	FO	CI, SC	OT, SG, SR, VR	16	8	50,0	0,21	11
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus orbiculatus</i> Rich.	Quebra-pedra	FO	CD, CI	SU	8	8	100,0	0,11	11
Asteraceae	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Artemísia	FO	CI	SG, VR	10	8	80,0	0,13	11
Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja-azeda	RA	CD	SC, SG	14	8	57,1	0,19	11
Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Limão	FO, FR	CD, CI, IN	SC, SG, VR	12	8	66,7	0,16	11
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	FO	CI	SG, VR	14	8	57,1	0,19	11
Scrophulariaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	FO	CI, EP, MC, SC	AI, CT, OT	12	8	66,7	0,16	11
Lamiaceae	<i>Ocimum</i> sp.	Manjerição-da-folha-miúda	FL, FO	CI, XP	OT, SR	9	7	77,8	0,12	9
Malpighiaceae	<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Acerola	FO, FR	CI, SC	OT, SG, VR	12	6	50,0	0,16	8
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	FO	CD, GF, MC, SC	AI, CT, OT, SU, VR	20	6	30,0	0,27	8
Rosaceae	<i>Rubus glaucus</i> Benth	Amora-preta	FO	CD, CI	DG, OT, SC, SG	24	6	25,0	0,32	8
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	FO	CI	OT	6	6	100,0	0,08	8
Musaceae	<i>Musa</i> sp.	Banana-roxa	SV	IN	SG	6	6	100,0	0,08	8
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiuva	FR, RA	CD, IN	SC, SR, VR	14	6	42,9	0,19	8
Calophyllaceae	<i>Kielmeyera rubriflora</i> Cambess	Breu	FL	CI	DG, VR	12	6	50,0	0,16	8
Lamiaceae	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-frade	FO, RA	CD, CI	DG, OT	10	6	60,0	0,13	8
Commeliaceae	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Dinheiro-em-penca	FO	CI	OT	6	6	100,0	0,08	8
Rubiaceae	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	Espinheiro	CA	CD, XP	SR	6	6	100,0	0,08	8
Fabaceae	<i>Acosmium cuiabensis</i> Benth.	Genciana	CR	CA	DG, SC	12	6	50,0	0,16	8
Lamiaceae	<i>Hyptis cana</i> Pohl ex Benth.	Hortelã-do-campo	FO	CI, DF	OT, VR	8	6	75,0	0,11	8
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	FO, BF	CD, CI, ME	OT, SR, VR	14	6	42,9	0,19	8
Simaroubaceae	<i>Quassia amara</i> L.	Pau-tenente	CA	CD, CI	OT, SG	8	6	75,0	0,11	8

Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	FO	CI	OT, SR, VR	10	6	60,0	0,13	8
Rosaceae	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa-menina	FL	CI	SU	6	6	100,0	0,08	8
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta angustifolia</i> Lopez-Palacios	Gervão/ Gerbão	FO, RA	CI, XP	OT, SR, VR	11	6	54,5	0,15	8
Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	FO, FR	CD, CI, SC, VI	AI, CT, DG, OT, SC, SG, SR	18	6	33,3	0,24	8
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	SE	CI	SG, SR	6	5	83,3	0,08	7
Fabaceae	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá-mirim	CA	CD	DG, VR	6	5	83,3	0,08	7
Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Lima	CF, FR	IN, CA	SC	5	5	100,0	0,07	7
Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	FO, FR	CA, CU	DG, OT, VR	9	5	55,6	0,12	7
Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	FO, SV	CD, CI, IN	CT, OT, VR	10	5	50,0	0,13	7
Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Lima-de-umbigo	FR	SC, IN	OT, SC, SG	11	5	45,5	0,15	7
Solanaceae	<i>Solanum mammosum</i> L.	Beringela	FR	SC	SC	4	4	100,0	0,05	5
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	FO	CI	SC	4	4	100,0	0,05	5
Arecaceae	<i>Attalea phalerata</i> Mart. ex Spreng.	Coco-de-acuri	FR	BL, IN	SR, VR	8	4	50,0	0,11	5
Myrtaceae	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo-da-índia	BF	XP	SR	4	4	100,0	0,05	5
Malvaceae	<i>Waltheria douradinha</i> A. St.-Hil.	Douradinha	FO	CI	SU	4	4	100,0	0,05	5
Lamiaceae	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Erva-de-macaé	FO	CI	SG	4	4	100,0	0,05	5
Malvaceae	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malva-do-cerrado/ Malva	FO	CD, CI	AI, CT, SU	8	4	50,0	0,11	5
Asteraceae	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass	Picão-branco	FO	CD	OT	4	4	100,0	0,05	5
Polygonaceae	<i>Coccoloba cujabensis</i> L.	Uvinha	FO, CA	CD, CA	SG	4	4	100,0	0,05	5
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Fr. All.) Engl.	Aroeira	CA	CD, ME	CT, OT	6	4	66,7	0,08	5
Connaraceae	<i>Rourea induta</i> Planch.	Calunga	CA, TR	CD, CA	OT, SC, SG	10	4	40,0	0,13	5
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-São-Jorge	FO	CD, CI	DG, OT	6	4	66,7	0,08	5
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	RA	CI, RA, SC	OT, SR	6	4	66,7	0,08	5
Caesalpiniaceae	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. Ex Tul.	Jucá	FR	MC, CA	AI, OT	6	4	66,7	0,08	5

Fiebig e Pasa

Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck	Laranja	CF, FO	CD, CI	SC, VR	6	4	66,7	0,08	5
Solanaceae	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	FO, FR	IN, MC	OT, SC	6	4	66,7	0,08	5
Pucicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	CF, FR	CI, CB	SG, SR	6	4	66,7	0,08	5
Bignoniaceae	<i>Crescentia cujete</i> L.	Cabaça/ Coité	FO	IN	DG, SR	5	3	60,0	0,07	4
Sterculiaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico-magro	FO	CI	OT, SR	4	3	75,0	0,05	4
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Pequi/ Piqui	FO, FR	CI, CL	OT, SG	5	3	60,0	0,07	4
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	FO	CI	SU	3	3	100,0	0,04	4
Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L.	Rosa-branca	FL	CI	SU	3	3	100,0	0,04	4
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	FO	CI	SC	2	2	100,0	0,03	3
Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	BU	CI	VR	2	2	100,0	0,03	3
Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i> (Allenão) A.C. Sm.	Amburana	CA	CI	SG	2	2	100,0	0,03	3
Asteraceae	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Arnica	FO	CI	CT, VR	4	2	50,0	0,05	3
Cucurbitaceae	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Buchinha	FR	IN	SR	2	2	100,0	0,03	3
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	FO	EP	CT	2	2	100,0	0,03	3
Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá-manga	FR	IN	SG, VR	4	2	50,0	0,05	3
Euphorbiaceae	<i>Jatropha urens</i> L.	Cansação	SV	IN	CT	2	2	100,0	0,03	3
Asteraceae	<i>Baccharis genisteloides</i> L.	Carqueja	FO	CI	SG	2	2	100,0	0,03	3
Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	FR	SC	SC	2	2	100,0	0,03	3
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M.	Colônia	FO	CI	SC	2	2	100,0	0,03	3
Araceae	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Comigo-ninguém-pode	FO	CD, CI	DG, OT	4	2	50,0	0,05	3
Araceae	<i>Dieffenbachia</i> sp. Schott	Comigo-ninguém-pode-pintadinha	FO	CD	DG	2	2	100,0	0,03	3
Caesalpiniaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	SV	IN	AI	2	2	100,0	0,03	3
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	Coroa-de-cristo	FR	CA	SC	2	2	100,0	0,03	3
Polygonaceae	<i>Polygonum persicaria</i> var. <i>persicaria</i>	Erva-de-bicho	FO	CD	DG, VR	4	2	50,0	0,05	3
Sapindaceae	<i>Paullinia cupana</i> H.B.K.	Guaraná	FR	CI	SU	2	2	100,0	0,03	3
Vitaceae	<i>Cissus sicyoides</i> L.	Insulina	FO	CI	SG	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Pilocarpus microphyllus</i> Stapf ex Wardleworth	Jaborandi	FO	CD, SC	DG, OT	4	2	50,0	0,05	3

Fabaceae	<i>Pithecellobium tortum</i> Mart.	Jurema	FO	CI	OT	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja-misteriosa	FO, FR	CI, IN	SC, VR	4	2	50,0	0,05	3
Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i> L.	Levante	FO	CI	SG	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Citrus aurantifolia</i> Swingle	Limão-galego	FO	CI	VR	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Citrus latifolia</i> Tanaka	Limão-tahiti	CF	CI	SC, VR	4	2	50,0	0,05	3
Rosaceae	<i>Malus domestica</i> Borkh.	Maça	FR	SC	SC	2	2	100,0	0,03	3
Caesalpiniaceae	<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby	Mata-pasto	FO	CI	VR	2	2	100,0	0,03	3
Rutaceae	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Mexerica	FO	CI	OT, VR	4	2	50,0	0,05	3
Sapindaceae	<i>Dilodendron bipinnatwn</i> Radlk.	Mulher-pobre	FO	CI	CT, SC	4	2	50,0	0,05	3
Malpighiaceae	<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach.	Nó-de-cachorro	RA	CD, CP	OT, SG	4	2	50,0	0,05	3
Caesalpiniaceae	<i>Bauhinia macrostachya</i> Benth.	Pata-de-vaca-do-cerrado	FO	CI, CI	SC, SG	4	2	50,0	0,05	3
Bignoniaceae	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Pé-de-anta	RA	CD	DG	2	2	100,0	0,03	3
Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	RA	CI	OT, VR	4	2	50,0	0,05	3
Euphorbiaceae	<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhão	SV	IN	DG	2	2	100,0	0,03	3
Fabaceae	<i>Eriosema benthamianum</i> Mart. ex Benth.	Sene	FO	CI	AI	2	2	100,0	0,03	3
Anacardiaceae	<i>Spondias lutea</i> L.	Seriguela	FR	IN	OT	2	2	100,0	0,03	3
Lamiaceae	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Tapera	FO	CD	SU	2	2	100,0	0,03	3
Lamiaceae	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Tarumã	SV	XP	SC, SG, SR	4	2	50,0	0,05	3
Lamiaceae	<i>Vitex sellowiana</i> Cham.	Tarumã-mirim	NI	IN	SG	2	2	100,0	0,03	3
Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul.	Algodãozinho-domato	RA	CD	OT, SC	3	2	66,7	0,04	3
Petiveriaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	FO	CD, CI	DG, OT, VR	6	2	33,3	0,08	3
Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Hortelãzinha	FO	CI	DG, SR, VR	5	2	40,0	0,07	3
Solanaceae	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate	FR	SC	OT, SU	3	2	66,7	0,04	3
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	FO, SE	CI, CA	OT, SC, VR	6	2	33,3	0,08	3
Celastraceae	<i>Synadenium grantii</i> Hook. F.	Cancerosa	FO	CD	CT	1	1	100,0	0,01	1

Fiebig e Pasa

Asteraceae	<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) Kuntze	Carrapicho	RA	CD	SU	1	1	100,0	0,01	1
Alismataceae	<i>Echinodorus macrophyllus</i> Miq.	Chapéu-de-couro	FO	CI	SU	1	1	100,0	0,01	1
Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro-castelo	FO	CI	SU	1	1	100,0	0,01	1
Asteraceae	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Macela ou marcela	FL	CD	SG	1	1	100,0	0,01	1
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	BF, FO	CD, CI, ME	OT, SR	2	1	50,0	0,03	1
Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	Marmelada-bola	FO	CD	SC	1	1	100,0	0,01	1
Euphorbiaceae	<i>Jatropha pohliana</i> L.	Pinhão-branco	SV	IN	CT, OT	2	1	50,0	0,03	1

Legenda: Parte utilizada: FO = Folha, CA = Caule, RA = Raiz, BA = Broto da árvore, CA = Casca da árvore, FR = Fruta, SV = Seiva, FL = Flor, CF = Casca da fruta, CT = Castanha, BR = Broto da fruta, SE = Semente, BF = Botão da flor, TR = Tubérculo da raiz, BU = Bulbo. Forma de preparo: SC = Suco, CD = Chá (decoção), CI = Chá (infusão), MC = Macerada, CA = Curtida na água, BL = Batido no liquidificador com leite, XP = Xarope, CL = Cozido no leite, TR = Torrada, GF = Garrafada, EP = Emplasto, IN = *In natura*, CA = Curtido no álcool, DF = Defumação, ME = Melado, VI = Vinagre, CU = Curtido no suco de uva, RA = Ralado, CB = Curtido no biotômico, CL = Curtido no licor, CP = Curtido na pinga. Indicações terapêuticas: AI = Anti-inflamatório, CT = Cicatrizante, DG = Dores em Geral, OT = Outros, SC = Sistema Cardiocirculatório, SG = Sistema Gastrointestinal, SU = Sistema Geniturinário, SR = Sistema Respiratório, VR = Virose. Fsp = Frequência absoluta; Fid = Número de informantes que usam uma espécie para uma finalidade maior; NF = Nível de fidelidade; FC = Fator de correção; Pcup (%) = Frequência relativa de concordância quanto aos usos principais; NI = Sem referência de uso/citação de uso/ não informado.

Dentre as indicações terapêuticas mais expressivas estão as patologias que acometem o Sistema Gastrointestinal, com 287 citações (21%), seguida pelo Sistema Respiratório, com 195 citações (14%) e Virose 156 citações (11%). As doenças mais citadas que compõe a categoria do Aparelho Digestório: distúrbios estomacais, doenças no fígado e desconfortos abdominais (21%); Sistema Respiratório: a tosse, bronquite, pneumonia e inflamação da garganta (14%); Virozes: gripe, dengue, resfriado, zica e malária (11%); Sistema Cardiocirculatório: pressão alta, circulação, hemorroida e veias do coração (11%); Dores em geral: dor no peito, corpo, costas, cabeça e pernas (10%); Sistema Geniturinário: as enfermidades renais e uterinas (8%); Cicatrizante (5%); e Anti-inflamatórios em geral (4%) (Tabela 1).

A categoria “outros” agrupou indicações para vermífugo, anemia, febre, câncer, coceira, emagrecer, queda de cabelo, desintoxicação, malina (expressão local que significa queimadura e dores da cabeça causada por grandes preocupações), luxação, reposição hormonal, imunidade, reumatismo, furúnculo, entre outras, com 17% das indicações.

Uma mesma planta pode ter várias indicações terapêuticas, o que configura a multiplicidade de usos quando analisada apenas a etn categoria medicinal. Assim, a finalidade maior (Fid) representa o maior número de citações de uma indicação terapêutica, como ocorre com o melão-de-são-caetano que demonstrou a virose com a maior quantidade de citações de uma indicação terapêutica. Além dessa Fid houve para essa espécie mais quatro indicações terapêuticas.

A multiplicidade de uso das plantas na etn categoria medicinal variou entre um e sete tratamentos terapêuticos, sendo o capim-cidreira (*Cymbopogon citratus*), a erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides*) e o tamarindo (*Tamarindus indica*) as espécies que apresentaram a maior variedade de usos terapêuticos pela população entrevistada.

Empiricamente várias espécies podem ser usadas em conjunto ou não para o preparo de algum medicamento, para assim ter o efeito desejado na saúde humana, pois dependendo da forma de preparo podem-se obter compostos diferentes que servem para tratamentos terapêuticos diversos. São receitas preparadas na forma de chá, xarope, garrafada, suco, curtido na água, emplasto e vinagre, com uma ou mais indicações terapêuticas.

Entre elas estão receitas oriundas da tradição familiar e outras adquiridas com vizinhos e conhecidos de regiões ou cidades próximas. Receitas, posologias e indicações terapêuticas recebidas e repassadas de forma oral e gratuitamente com o intuito de ajudar o próximo.

O conhecimento acumulado de tais povos remete ao saber construído a partir das experiências vividas junto à natureza e ao saber-fazer envolvendo os recursos dela oferecidos. A transmissão desse conhecimento é de forma oral e pela observação participativa ou não ao longo das gerações, o que forma e transforma o maior bem que uma sociedade pode apresentar (Arruda et al. 2000).

A junção de diferentes espécies para o preparo de remédios foi verificada em 25 receitas, variando: a quantidade de espécies utilizadas, de duas a quatro; a variabilidade das partes vegetativas e reprodutivas das plantas utilizadas; e, a quantidade de indicações terapêuticas para cada receita. Pode ser utilizada apenas uma parte vegetal de diferentes plantas em uma receita, ou diferentes partes vegetais, como raiz, casca do caule, entre outros.

Como exemplo, para o tratamento terapêutico de luxação, receita cedida por D.N.S. (46 anos), são usadas folhas de erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides*) e vassourinha (*Scoparia dulcis*) maceradas juntas ou na forma

de emplasto e o vinagre de tamarindo, feito previamente com a fruta pelos próprios comunitários, embebido em um pano e colocado sobre a luxação (machucadura do músculo).

No caso de ferimentos, J.A.C. (69 anos), utiliza as folhas de erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides*) e vassourinha (*Scoparia dulcis*) na forma de emplasto para colocar sobre a lesão ou na forma de suco feito no liquidificador para lavar a ferida.

Com o xarope de folha de améssia (*Protium heptaphyllum*), casca da árvore de jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*), paratudo (*Tabebuia aurea*) e canela (*Ocotea sp.*), I.C.P (34 anos) utilizada para quatro indicações terapêuticas: tosse, bronquite, dores nas costas e no peito, ambas doenças do aparelho respiratório (Gonçalves e Pasa 2015; De David 2015).

A importância de seguir a posologia correta do preparo, forma de uso, armazenamento, frequência e tempo de utilização influenciam no resultado benéfico do tratamento, pois, conforme Pasa (2015), algumas espécies vegetais podem conter substâncias tóxicas e serem influenciadas pela manipulação incorreta do medicamento e causar distúrbios na saúde do usuário. Eldin e Dunford (2001), também defendem que a presença do princípio ativo e a baixa toxicidade podem ser garantidos pela forma de preparo correto.

É inegável que as plantas medicinais fazem parte da cultura e do dia-a-dia dos moradores da comunidade Passagem da Conceição. A maioria afirmou que tomam chá durante o dia para acompanhar um lanche ou mesmo, para saboreá-lo, mas sabendo que possui propriedades medicinais e, assim, para prevenção dos diversos males. Quando doentes recorrem, a princípio, aos medicamentos naturais que estão ao seu alcance encontrados na mata e no quintal, para somente procurar auxílio médico caso os sintomas não melhorarem.

Na escola local, o uso de chás para acompanhar os lanches também é corriqueiro. Faz-se chá de camomila ou cidreira para as crianças e funcionários da escola em dias em que há bolo ou bolacha, ou chá de boldo quando alguma criança está com azia ou má digestão. As ervas são adquiridas no próprio quintal da unidade escolar.

Um depoente relembra sua infância vivida na comunidade e ao visitar familiares e amigos... o rio, a mata, o cerrado, os animais e a terra... tudo faz parte de sua história e a medicina caseira sempre presente em sua vida. O interesse por plantas medicinais nasceu ainda jovem ao acompanhar seus pais na mata. Essa paixão é tão viva ainda hoje que contagiou sua esposa, nascida e criada em Cuiabá, que faz chá e preparados para seus filhos e netos.

As plantas medicinais são encontradas nos quintais e no ambiente natural (mata e campo cerrado) e permutas ou doações entre vizinhos, curandeiros e rezadores também ocorrem. Os cuidados com o quintal são executados pelos homens e pelas mulheres, sendo aposentados e/ou do lar, porém prevalece o sexo feminino, cujo trabalho doméstico e cuidado com a produção para subsistência são realizados diariamente. As atividades incluem limpeza e manutenção, sendo a época de chuva mais trabalhosa, devido ao crescimento dos cultivos e ervas daninhas. A frequência varia de uma a três vezes por dia e no período da manhã ou ao entardecer. Segundo os depoentes, não é utilizado nenhum tipo de composto químico para o tratamento e produção dos insumos, estes utilizam apenas terra preta, restos orgânicos e esterco de animais como adubo, misturados diretamente na terra. O quintal também é utilizado para a criação de animais, encontros familiares ou religiosos, festas de batizado, casamento, etc.

Apesar da maioria dos depoentes comentarem que os jovens não possuem mais interesse em aprender sobre as

plantas, fato também observado por Pasa e Ávila (2010) em uma comunidade tradicional em Rondonópolis-MT, uma informante com 34 anos, demonstrou ser uma verdadeira amante na arte da cura pelas plantas. I.C.P. citou 46 espécies diferentes, sendo 61% nativas. É benzedeira e seus pacientes, amigos e familiares sempre a procuram em busca de tratamentos para o corpo e a alma. É a única entre os participantes ainda a percorrer o cerrado em busca de materiais para o preparo dos remédios caseiros para os mais variados males.

Conclusões

As plantas usadas na medicina tradicional pelos ribeirinhos da comunidade Passagem da Conceição são diversas e o conhecimento empírico é vasto. As pessoas locais vivem e convivem em ambientes naturais como as matas, ou ambientes antropicamente modificados, como os quintais e as hortas ao exercer manejo sustentável no bioma cerrado.

Os ribeirinhos da Comunidade Passagem da Conceição apresentam expressivo conhecimento empírico sobre o uso das plantas medicinais locais, os quais são expressos como referência na linguagem, nas imagens de mata, de rios e com as concepções que constroem sobre a natureza.

Referências

- Albuquerque UP, Lucena RFP (2004). *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica*. Recife: UFRPE, 135p.
- Alves CAB, Silva S, Belarmino NALA, Souza RS, Silva DR, Alves PRR, Nunes GM (2016). Comercialização de plantas medicinais: um estudo etnobotânico na feira livre do município de Guarabira, Paraíba, nordeste do Brasil. *Gaia Scientia*. Volume 10(4): 390-407.
- Amorozo MCM, Gély A (1988). Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi*. Série Botânica, v. 4, n. 1, p. 47-131.
- Angiosperm Phylogeny Group - APG IV (2016). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 181: 1-20. Disponível em: <http://reflora.jbrj.gov.br/downloads/2016_GROUP_Botanical%20Journal%20of%20the%20Linnean%20Society.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- Arruda RSV, Silva VCF, Figols FAB, Andrade D (2000). Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. In: DIEGUES, A.C. (Org.). *Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil*. São Paulo: NUPAUB, USP, PROBIO, MMA, CNPq. 211 p.
- Belz CEA (2011). *Fotografia Científica*. Site Fotografia Científica. Disponível em: <<http://fotocientifica.com/2011/08/fotografia-cientifica.html>>. Acesso em: 27 abr. 2016.
- Brasil. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.
- Brasil. Agência Nacional das Águas (ANA). Disponível em: <<http://www.ana.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- Cunningham AB (2001). *Applied Ethnobotany: People, wild plant use and conservation*. Earthscan, London, U.K.
- De David, M (2015). *Foto-grafias etnobotânicas nos quintais urbanos de Várzea Grande*. Mato Grosso, Brasil. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial. 79 p.
- Eldin S, Dunford A (2001). *Fitoterapia na atenção primária à saúde*. Barueri: Editora Manole.
- Friedman JA (1986) Preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of ethnopharmacology field survey among bedouins in the Negev desert, Israel. *Journal of Ethnopharmacology*. v. 16, n. 2-3, p. 275-287.
- Geertz, C. *A Interpretação das Culturas*. LTC. Rio de Janeiro. 2013 pag. 1989.
- Gois MAF, Lucas FCA, Costa JCM, Moura PHB, Lobato GJM (2016). Etnobotânica de espécies vegetais medicinais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Campinas, v.18, n.2, p.547-557.
- Gonçalves, KG.; Pasa MC (2015). A etnobotânica e as plantas medicinais na Comunidade Sucuri, Cuiabá, MT, Brasil. *Interações*, Campo Grande, v. 16, n. 2, p. 245-256.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 abr. 2016; 28 jun. 2016.
- Lima IEO, Nascimento LAM, Silva MS (2016). Comercialização de Plantas Medicinais no Município de Arapiraca-AL. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Campinas, v.18, n.2, p.462-472.
- Lista De Espécies Da Flora Do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 22 nov. 2017; 20 mar. 2017
- Lorenzi H, Matos FJA (2008). Plantas Medicinais no Brasil: Nativas e exóticas. 2nd ed. *Plantarum*, Nova Odessa, Brazil.
- Maitelli GT, Chiletto EC, Almeida Junior NLA, Chiletto R. Intensidade da ilha de calor em Cuiabá/MT, na estação chuvosa. In: Congressos Brasileiros de Meteorologia 1980-2006. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento – SBMET, Anais... Disponível em: <<http://www.cbmet.com>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- Mato Grosso, Secretaria de Estado do Meio Ambiente; SEMA, Superintendência de Regularização e Monitoramento Ambiental (2016). *Relatório de Monitoramento da Qualidade da Água da Região Hidrográfica do Paraguai – 2012-2014*. (Org.) Figueiredo, SB. et al. - Cuiabá: SEMA/MT; SRMA. 147p.
- Meihy JCSB (2007). *Manual de História Oral*. 2. ed. São Paulo, Loyola, 86 p.
- Minayo MCS (org.) (1994). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 109 p.
- Mota, CN, Albuquerque, UP (Org.) (2002). *As muitas faces da Jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena*. Recife: Bagaço. p.192.
- Organização Mundial De Saúde - OMS. *CID - 10: Classificação estatística Internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*. 10. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2000. 354p.
- Pasa MC, Ávila G (2010). Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. *Interações*, Campo Grande, MS, v. 11, n. 2, p. 195-204.

- Pasa, MC et al. A etnobiologia na comunidade quilombola na Baixada Cuiabana, Mato Grosso, Brasil. In: Pasa, M.C. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a biodiversidade IV*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2015.
- Rocha JA, Boscolo OH, Fernandes LRRMV (2015). Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. *Interações*, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74.
- Souza MRM, Pereira RGF, Fonseca MCM (2012). Comercialização de plantas medicinais no contexto da cadeia produtiva em Minas Gerais. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Botucatu, v.14, n.esp., p.242-24.
- Tauchen J et al. (2016). Phenolic composition, antioxidant and anti-proliferative activities of edible and medicinal plants from the Peruvian Amazon. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. 26. p. 728–737.
- World Health Organization (WHO) (2005). *General guidelines for methodologies on research and evolution of traditional medicine*. Disponível em: <<http://www.who.int/classifications/icd/en/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- World Health Organization (WHO) (2014). *International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems*. Disponível em: <<http://www.who.int/classifications/icd/en/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- Zhang L, Zhang Y, Pei S, Geng Y, Wang C, Yuhua W (2015). Ethnobotanical survey of medicinal dietary plants used by the Naxi People in Lijiang Area, Northwest Yunnan, China. *J Ethnobiol Ethnomed*.